



SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DA GUARDA



Páscoa | Vida nova e o renascer da esperança

† **Manuel R. Felício**, Bispo da Guarda

Estamos viver a Quaresma que prepara para a Páscoa e é sempre um tempo especial para as comunidades e seus fiéis procurarem ir ao mais fundo da sua identidade, que é serem verdadeiros discípulos de Cristo. Por isso se recomenda a revisão de vida pessoal e também das próprias comunidades, diante do próprio Cristo que é luz e da Sua Palavra.

A Páscoa é a grande festa e modelo e referência de todas as outras festas, porque é a festa da vida. Para vivermos a Páscoa a sério é necessário o empenho para promover e defender a vida, em todas as suas dimensões. E todos nós sentimos os muitos constrangimentos a que a vida humana, sobretudo nos mais débeis e indefesos, está sujeita, hoje em dia.

Para podermos experimentar e ajudar outros a experimentar também a alegria de viver, há atitudes elementares que havemos de saber assumir sempre com a devida determinação.

A primeira delas é aproveitarmos sobretudo esta preparação da Páscoa para aprofundar o nosso encontro vivo e pessoal com Cristo, que está presente na sua Igreja, na Eucaristia e nos outros sacramentos, na sua Palavra e também na oração tanto pessoal como comunitária.

Outra delas é reforçarmos o nosso testemunho de Fé na Pessoa de Cristo, que veio dar a sua vida para que todos possam ter vida e vida em abundância. Para valorizarmos o nosso testemunho de Fé, ganhamos muito se nos deixarmos inspirar pelos modelos de santidade e de martírio que a Igreja nos propõe.



Precisamos também de aproveitar o tempo de preparação para a Páscoa para relançar o nosso entusiasmo pela formação em matérias decisivas para a vivência e transmissão da Fé, como são a catequese, a Bíblia, a espiritualidade e mesmo as matérias propriamente teológicas. De facto, só a consciência aprofundada dos grandes valores que a Fé inspira nos pode ajudar a viver, de forma verdadeiramente adulta, a necessidade de comunicarmos a outros os bens que nos fazem felizes e dão sentido à nossa vida.

Finalmente, a Páscoa e a sua preparação não podem deixar de nos lembrar a prática da caridade sobretudo para com os que mais precisam, mas também com renúncias a favor da ajuda material para os trabalhos da evangelização, quer nas Igrejas novas quer nas de mais antiga tradição.

Neste tempo da Quaresma em que nós recordamos de uma forma especial a misericórdia infinita de Deus que cuida de nós em todas as circunstâncias, sentimo-nos necessariamente interpelados a viver também a misericórdia uns para com os outros. Isso implica que nos sintamos todos responsáveis por todos, incluindo para com esta casa comum que Deus preparou para nela habitar-mos.

Deixo o voto de que a nossa Páscoa seja, este ano e de novo, verdadeira afirmação de Fé na Pessoa de Cristo Vivo, mas também afirmação do nosso empenho em o testemunharmos nas mais variadas situações e ambientes. Assim, daremos cumprimento ao apelo que nos traz este ano missionário preparatório do especial Outubro Missionário/2019 declarado como tal pelo Papa Francisco.

Editorial



Com uma equipa parcialmente renovada, arrancou mais um mandato dos Órgãos Sociais da S.C.M.G com o fim de bem servir o próximo, particularmente ao nível das carências sociais, dentro do espírito são e cristão que lhe preside.

Naturalmente que a empreitada das catorze obras de Misericórdia não é tarefa fácil, mas também de dificuldades e cardos no caminho já começamos a estar habituados. Ainda assim, e salvo erro, como dizia António Machado, “recolhe todas as

pedras que se atravessarem no teu caminho e no final faz a tua casa com elas”.

É que, de facto, e pese embora a abnegação e força anímica da Mesa, sem olvidar da excelência dos demais órgãos sociais, tal tarefa só se levará a bom porto com, pelo menos, a não oposição daqueles que mediatamente nos podem e devem auxiliar. É que, sendo fortes os mareantes, ainda se vence a corrente, mesmo remando contra a maré. Mas se os elementos não nos ajudam, e

por vezes, ainda põem antolhos ao nosso labor – que é em absoluto pro bono in totum, não se olvide – começam a cansar os braços e o ânimo esmorece.

Mas, pronto! Vamos ser otimistas, estamos na Primavera, haja saúde e boa vontade que, com a ajuda de Deus, a bom porto chegaremos.

Uma Santa Quaresma
Vitor Lavajo (Vice Provedor)

Ficha Técnica | Revista Trimestral

Propriedade: Santa Casa da Misericórdia da Guarda, Rua Francisco dos Prazeres, 7 - 6300-690 Guarda, Telf. 271 232 300, www.scmguarda.pt · scmgnoticias@gmail.com; **Direcção:** Mesa Administrativa; **Coordenação:** Teresa Gonçalves;

Capa: Brasão da Santa Casa da Misericórdia da Guarda

Execução gráfica: Marques & Pereira, Lda.; **Depósito Legal:** 372896/14; **Tiragem:** 500 exemplares.

A opção da grafia, observando ou não as regras do novo acordo ortográfico é inteiramente da responsabilidade dos autores dos textos.

Conservatório de Música

O Ritmo das Actividades

Concerto de Reis

Como resultado do intercâmbio estabelecido com o Orfeão da Misericórdia de Gouveia, realizou-se no dia 5 de janeiro, na Igreja da Misericórdia da Guarda, o Concerto de Reis.

Neste concerto participou o Ensemble Intermezzo do Conservatório da Misericórdia da Guarda, grupo formado por Violinos e Violas d'arco, dirigido pela prof. Olena Sokolovska e que contou com a participação especial do prof. Pedro Ospina, e o Orfeão da Misericórdia de Gouveia, dirigido

pela maestrina Cristina Nogueira. Durante o concerto foram executados temas alusivos à época Natalícia, dos

quais se destacam as duas últimas obras, realizadas em conjunto pelos dois grupos musicais.



Workshop de Violino, Viola d'arco e Guitarra



Decorreu nos dias 1, 2 e 3 de Março o Workshop de Violino, Viola d'arco e Guitarra direccionado a alunos do 5º, 6º e 7º ano de escolaridade. Esta atividade, que conta já quatro edições, visa desenvolver as qualidades técnicas e performativas dos alunos no âmbito da música de câmara.

Este Workshop foi da responsabilidade dos professores Olena Sokolovska e Pedro Ospina e contou com a participação de 19 alunos.

A atividade encerrou com um concerto onde os jovens músicos puderam colocar em prática os conhecimentos adquiridos nestes 3 dias de trabalho intensivo.

Ciclo de Audições e Concertos, de 25 de março a 4 de abril. Concerto de Páscoa, Igreja da Misericórdia, 4 de abril, 21h. Estágio de Orquestra e Coro Infantil, 8 e 9 de abril. Todas as escolas do 1º ciclo dos Agrupamentos de Escolas da Sé e de Afonso de Albuquerque irão receber os professores do Conservatório para sessões de divulgação e de demonstração dos instrumentos musicais. Concerto Didático para todas as escolas do 1º ciclo e pré-escolar da cidade da Guarda, no grande Auditório do Teatro Municipal, dia 2 de maio.

Direcção Pedagógica
Márcia Cunha e César Cravo

Audição da Classe de Ballet



Sob a direção da prof. Andreia Roque, subiram ao palco principal do Teatro Municipal da Guarda os alunos da classe de Dança/Ballet do Conservatório de Música de S. José da Guarda, no dia 21 de fevereiro. Os 60 alunos e alunas entre os 3 e os 16 anos de idade deram vida à história "Alice no País das Maravilhas".

Este é o resultado de uma forte aposta do Conservatório na classe de Ballet, que tem vindo a crescer ano após ano, tanto em número de alunos como em qualidade do trabalho desenvolvido. Parabéns a todos.



A desmistificação da mistificação

“Mistificação é o ato ou efeito de mistificar que tem como significado uma ação de enganar ou de fazer com que uma pessoa acredite numa mentira.”

Ora bem, para que se mistifique algo, isso pressupõe que se crie o mito.

Ora, um mito é algo diferente de uma lenda. Enquanto que a lenda se pode referir a pessoas reais que concretizaram feitos fantásticos, o mito é algo inventado que, muitas vezes, é usado pelas pessoas para explicar algo que não compreendem ou de que duvidam. Também acontece que o mito possa surgir suportado em iniciativas de maledicência, apenas com o objetivo de desvalorizar algo ou alguém, cavalgando no desconhecimento sobre uma determinada matéria ou facto.

Assim se constroem mitos e se mistificam realidades ou facetas do comportamento humano.

Poderíamos, nesta realidade da mistificação, recorrer a um conjunto de expressões que nos poderiam servir para melhor qualificar e perceber a natureza do mito, tais como: narrativa fabulosa de origem popular; lenda, elaboração do espírito essencialmente ou puramente imaginativa, alegoria, representação falsa e simplista, mas geralmente admitida por todos os membros de um grupo, etc.

Além do desconhecimento e ignorância, também podemos encontrar nos mitos uma recorrente associação à “má língua”, aspetos que funcionam como uma espécie de fertilizantes que contribuem para o desenvolvimento destas realidades que fogem da verdadeira realidade.

Mudando um pouco de assunto, diria que as Misericórdias nasceram suportadas no preceito cristão da caridade, expresso nas 14 obras de bem-fazer, sete espirituais e sete corporais. “O espírito de misericórdia converteu-se em ação organizada, à maneira das instituições medievais, pela primeira vez em Florença, no ano da graça de 1244, por iniciativa

de S. Pedro Mártir. A ideia chegou a Lisboa nos tempos de D. João II, na sequência das relações comerciais entre as duas cidades, e inspirou a rainha D. Leonor a fundar uma Casa da Misericórdia, a primeira do reino de Portugal.”

Na verdade, as Misericórdias, na sua ação, vão congregar a missão das anteriores instituições de caridade cristã, a solidariedade. A orgânica, bem definida, tinha como fim dar cumprimento às sete obras de caridade, tanto do foro espiritual, como do corporal, aplicadas através do ensino dos simples, dos bons conselhos, do castigo temperado com caridade cristã, do consolo, do perdão, da oração por todos, mortos e vivos, da remissão de cativos, da visita aos presos, da cura dos enfermos, da satisfação da necessidade de vestuário, fome e sede, de pousada, de última morada.

Esta intervenção era levada a cabo por uma centena de irmãos, metade de maior condição, metade de menor condição. A escolha dos irmãos era criteriosa e exigente. O provedor administrava a instituição, dotada de um conjunto amplo de recursos que as antigas confrarias, hospitais e albergarias não tinham conseguido agregar à sua missão. Aquele era auxiliado, na sua tarefa, por um corpo funcional mais restrito, a Mesa, constituído por nove conselheiros, um escrivão, dois mordomos, todos eleitos anualmente, em 2 de Julho.

As funções eram exercidas em regime de voluntariado e sem qualquer contrapartida financeira.

A coroa contribuía, entregando à Misericórdia 80% de panos e objetos apreendidos e a ela pertencia o exclusivo dos peditórios efetuados a favor dos pobres e entevados.

À iniciativa de D. Leonor aderiram o próprio rei D. Manuel, o alto clero, a nobreza, a burguesia, não tendo sido, de forma alguma, alheio o grande prestígio atribuído a quem integrava as Irmandades da Misericórdia.

Atualmente existem em Portugal 398



Misericórdias ativas e outras 80 inativas de que há memória ou vestígios patrimoniais.

A Misericórdia da Guarda, como todas as restantes 397 Misericórdias ativas no país, nasceram então suportadas no preceito cristão da caridade e da solidariedade e foram proliferando pelo país, ao longo dos séculos. No caso da Guarda, até aos dias de hoje, ainda não foi possível precisar com exatidão em que data exata foi instituída a Santa Casa da Misericórdia. Diversos estudiosos têm apontado momentos diferentes, sem que qualquer um deles reúna consenso e assumam uma natureza inquestionável. De concreto temos a certeza de que a ação meritória da Misericórdia da Guarda se desenvolve neste concelho há mais de 400 anos.

Contudo, nestes muitos séculos que as Misericórdias contam de vida, nem sempre o Estado se relacionou com as instituições da mesma forma.

Durante o período do Estado Novo, mais precisamente desde 1945 a 1975, houve uma estatização das Misericórdias que levou a que fossem integradas na ação social organizada pelo Estado, passando as instituições para a sua tutela.

Esta situação manteve-se até 1975, ano em que o Decreto-Lei 618/75, de 11 de novembro, rompe com o controlo corporativo do setor hospitalar, em que se destacavam as Misericórdias, integrando os estabelecimentos hospitalares destas instituições na Secretaria de Estado da Saúde.

Esta medida desencadeou a reação

das Misericórdias que culminou com o V Congresso Nacional das Misericórdias Portuguesas, realizado a 26, 27 e 28 de novembro de 1976. No seguimento deste congresso, são aprovados os estatutos da União das Misericórdias Portuguesas, a partir de um decreto emitido pelo Bispo de Viseu e que lhes concedeu ereção canónica.

Não querendo estar aqui a aprofundar a História das Misericórdias em Portugal, esta brevíssima abordagem serviu apenas para enquadrar e distinguir o estatuto atual das Misericórdias existentes no país e o da Misericórdia de Lisboa, que é substancialmente diferente.

A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, que detém um vasto património, é uma instituição de direito privado que está à margem das restantes. A sua tutela é exercida pelo membro do Governo que superintende a área da Segurança Social.

O seu estatuto é diferente porque se trata de uma entidade que presta serviços ao Estado e, em contrapartida, recebe uma parte da receita dos jogos sociais, que começou a explorar em 1783, por concessão de uma lotaria pela Rainha D. Maria I e que veio a tornar-se uma das suas principais fontes de rendimento.

Se comecei a falar de mistificação, é chegado agora o momento de tratar a desmistificação, ou seja, de desmontar o logro e de trazer à realidade a realidade. E quando falo de realidade estou, neste caso, a referir-me à verdadeira natureza das Misericórdias e à natureza da Misericórdia de Lisboa que, como já se deve ter percebido, são hoje diametralmente diferentes.

O esclarecimento impõe-se em nome da verdade e do esclarecimento cabal que permita a dissipação de um mito que se criou em torno das 398 Santas Casas da Misericórdia espalhadas pelo país, a partir do estatuto da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

Apesar dos nobres desígnios que a SCML prossegue, ela tem, como ficou expresso anteriormente, uma natureza substancialmente diferente, na medi-

da que funciona na tutela do titular da pasta da Segurança Social, que também nomeia os seus órgãos sociais, incluindo o provedor.

Digamos que a SCML, é, na verdade, um departamento do Estado que gere o jogo social e de cujas receitas recebe uma percentagem que é canalizada para o trabalho social que também desenvolve.

Esta instituição, a SCML, tem funcionado, na prática, como uma prateleira dourada para “arrumar” nos seus órgãos sociais políticos em fim de carreira principescamente remunerados. Em bom rigor, poderíamos dizer que nem é santa, nem é Misericórdia.

As restantes Santas Casas da Misericórdia do país continuam fiéis à sua génese e são hoje irmandades com estatuto de utilidade pública e de instituições de solidariedade social (IPSS), em que os irmãos se assumem como a alma dessas mesmas instituições, e cujo estatutos estão sujeitos à observância do direito canónico e civil.

Os membros dos órgãos sociais das Misericórdias continuam, hoje, como sempre o fizeram, a desenvolver a sua ação em prol das instituições em regime de voluntariado e de forma totalmente graciosa, sem qualquer remuneração.

Henrique Monteiro (Mesário)

CRECHE

SANTA CASA MISERICÓRDIA DA GUARDA

JARDIM DE INFÂNCIA



HORÁRIO ALARGADO: 7:30 às 19:00

★ INSTALAÇÕES
REMODELADAS

★ QUALIDADE
PEDAGÓGICA



★ MENSALIDADES
ACESSÍVEIS

★ INSCRIÇÕES
ABERTAS

★ ATIVIDADES EXTRA CURRICULARES:
INGLÊS, MÚSICA e ATIVIDADE FÍSICA

localização: Rua de Acesso ao Bairro da Fraternidade (junto ao Parque Municipal)
inscrições: Rua Francisco dos Prazeres nº7 · 6300-690 · Tel. 271 232 300

Abertos durante o mês de AGOSTO

Ida ao Dentista

Cárie Dentária

A cárie dentária é uma doença que afeta cerca de 90% da população e que é desencadeada pela ação de bactérias que destroem a estrutura do dente. Quando ingerimos alimentos com açúcares, como os doces, bolos, etc..., as bactérias cariogénicas presentes na nossa boca vão decompor esses açúcares e originar ácidos que provocam a dissolução do conteúdo mineral dos dentes e consequentemente o aparecimento de cárie.

A associação de uma alimentação inadequada com uma higiene oral deficiente, facilita o aparecimento de cáries. Em situações extremas, a cárie dentária pode originar infecções de extensão variável e que podem ter graves repercussões na saúde geral do indivíduo.

O desenvolvimento da cárie dentária é geralmente lento, sendo o seu início marcado pelo aparecimento de uma mancha branca no esmalte. À medida que a lesão de cárie se desenvolve começa a formar uma cavidade no esmalte e rapidamente chega à dentina, camada mais interior do dente a seguir ao esmalte e que apresenta sensibilidade maior. As



queixas mais comuns na presença de cáries mais avançadas são desconforto, aumento da sensibilidade térmica, mau hálito, podendo ainda evoluir para dor espontânea e muito intensa principalmente quando atinge a polpa dentária.

É muito importante consultar um Médico Dentista se notar alguma alteração de cor nos seus dentes como manchas brancas, amareladas ou castanhas ou mesmo se detetar que o fio dentário fica preso no meio de dois dentes ou parte ao retirá-lo.

De forma a evitar a formação de

cáries deve ter uma alimentação equilibrada em refeições definidas, evitando o “petiscar” entre refeições e uma dieta com poucos açúcares; deve ter uma higiene oral correta pelo menos duas vezes por dia, com escovagem adequada, utilização de fio dentário e colutório. O Médico Dentista pode ainda indicar métodos preventivos da cárie dentária como a utilização de algum suplemento de fluor ou colocação de selantes de fissuras.

Rita Vilar (Médica Dentista)

clínica do sorriso

RITA VILAR • MÉDICA DENTISTA



- Medicina Dentária
- Ginecologia | Obstetrícia
- Cirurgia Geral
- Endocrinologia
- Medicina Geral e Familiar
- Pediatria
- Reumatologia
- Ortopédia
- Pneumologia
- Urologia
- Psiquiatria
- Podologia
- Medicina Chinesa
- Psicologia Clínica
- Exames Psicotécnicos
- Terapia da Fala
- Enfermagem
- Nutrição
- Optometria

Centro de Dia

Como acontece todos os anos, comemorou-se do dia 19 de Março o dia de São José. Ficam alguns dos momentos de convívio, com destaque para a celebração da missa, pelo Sr. Padre Matos, em honra de S. José, seguida de um almoço comemorativo entre os órgãos sociais, utentes e colaboradoras.



ICSP


INSTITUTO DE CONSERVAÇÃO
E SALVAGUARDA DO PATRIMÓNIO


Sudário

CONSERVAR NO PRESENTE
PARA PRESERVAR O PASSADO
E TRANSMITI-LO AO FUTURO...

INCI
INSTITUTO DE CONSERVAÇÃO
E SALVAGUARDA DO PATRIMÓNIO

ALVARÁ DE CONSTRUÇÃO N.º69410
Decreto - Lei n.º 12 - 2004, de 9 de Janeiro

 facebook.com/icsp.sudario

 918 243 319 - 964 152 641

PERFIL

Amélia Agostinho **bordadeira de afectos e crenças**

Fomos conversar com Amélia Agostinho Costa que frequenta o Centro de Dia na Guarda, para darmos a conhecer a faceta de artista que tem desenvolvido ao longo dos tempos. Aos 87 anos, falou com orgulho dos trabalhos que fez e ainda faz no universo dos bordados e também dos livros que escreveu, apesar de não ter muitos estudos.



Amélia Agostinho viveu em Lisboa 15 anos e foi por lá que conheceu o marido. Mais tarde regressou à aldeia na Covilhã e só depois veio para a Guarda onde vive desde 1960. Na nossa cidade trabalhou numa loja que vendia lãs e linhas e por isso ficou carinhosamente conhecida pela “Amélia das lãs”. Ao mesmo tempo que vendia lãs, fazia a título particular, por exemplo camisolas: “Cheguei a ter três tricoteadeiras! Para o dono da loja era virtuoso porque vendia lãs, para mim era bom porque vendia os meus trabalhos”. Amélia Agostinho Costa define-se como uma mulher de fé. Foi a fé que a ajudou



a ultrapassar as dificuldades da vida, uma das quais em 2000 com a doença do marido que se prolongou por muitos anos. Nunca desistiu e durante esses anos difíceis dedicou-se para além dos bordados, à escrita. Tem editados dois livros de memórias, escritos pela própria. Foi a família mais próxima que a desafiou nesta aventura. “O que nunca esqueci” é o título de um dos Livros editado em 2003. A aventura da escrita continuou, e em 2014 o resultado foi a compilação de versos. Nas palavras de Amélia, “temos de querer, temos de acreditar que somos capazes (...) eu sempre fui uma pessoa persistente”.

Ao longo dos anos foi bordadeira de afectos e crenças. Com linhas de muitas cores fez (e ainda faz) imagens de Cris-



to, de Santos e de muitas outras figuras religiosas. São imagens que vê nos livros e revistas e que depois reinventa e faz nascer nos tecidos de linho, através de muitos pontos. Parecem quadros, telas coloridas. E que pontos são esses que surgem nos bordados? A autora dos trabalhos diz serem “pontos à Amélia (...) eu transmito ao pano aquilo que a minha imaginação dita”. Os bordados religiosos de Amélia vão nascendo nos tecidos de linho, sem que para a criação artística necessite um esboço rigoroso: “ (...) às vezes posso fazer um pequeno contor-



no, um pequeno rabisco a lápis, mas não necessito, porque o meu desenho vem da cabeça e da imagem que tenho à minha frente... depois vou preenchendo os espaços com vários tipos de pontos e construindo as imagens”.

Amélia Agostinho Costa recordou para a nossa Revista como o passatempo dos trabalhos de rendas e dos bordados que retratam afectos e crenças religiosas se transformaram em algo mediático com convites que surgiram para participar em diversas exposições. As “telas” em tecido, bordadas por Amélia foram expostas pela primeira vez ao público em 2002, depois outros convites para exposições se seguiram. Os trabalhos que mostrou e vendeu a partir da Guarda estão agora espalhados por muitos lugares do País.

Por **Teresa Gonçalves**



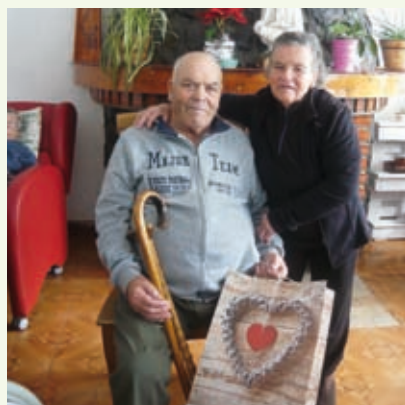
Lar na Vela

Memória | Dia Mundial da Rádio

O meio de comunicação Rádio, desempenhou um papel muito importante no dia a dia da geração dos mais velhos, sobretudo se tivermos em consideração as dificuldades que há algumas décadas atrás existiam na divulgação em tempo útil das notícias e acontecimentos no país e no mundo.

Deixamos aqui o testemunho da residente Maria Lucília Rodrigues sobre a primeira vez que ouviu uma emissão de Rádio recordando a abertura de um Programa radiofónico: “ Programa dedicado pela BBC aos ouvintes de Portugal e ao Império Colonial Português... recordo-me que era

esta a abertura da emissão da rádio... tinha eu 9 anos de idade e estava na altura em casa de uma senhora (D. Beatriz Soares) a servir. Perguntei-lhe eu, na minha inocência: D. Beatriz, como é que um homem cabe dentro desse aparelho? A Senhora respondeu que também não me sabia explicar. Tenho agora 80 anos e ainda me lembro quando ouvi rádio pela primeira vez. Lembro-me também de nomes importantes de actores e actrizes que todos os dias ouvia nos programas de rádio: o Joaquim Rosa, a Catarina Avelar, a Carmen Dolores. Naquela altura ainda não se ouvia falar em televisão!.”



Farmácia

Dermatite de Contacto

A **dermatite de contacto** é uma reação da pele causada pelo contacto direto com algumas substâncias ou materiais.

As reações visíveis na pele surgem como; comichão (prurido) que por vezes pode ser intensa, vermelhidão (eritema), calor, inchaço (edema), sensibilidade ao toque, pequenas borbulhas.

Estes sintomas localizam-se normalmente na zona de contato com a substância, mas nem sempre é assim. A dermatite de contacto pode apresentar-se de 2 formas, dependendo do mecanismo que a causa:

Irritativa ou traumática: é o mais comum e resulta do contacto com substâncias que alteram a camada protetora da pele, deixando-a sensível. Os sintomas surgem até 48 horas após a exposição, podendo em alguns casos surgir de imediato.

Alérgica: no primeiro contacto com uma determinada substância não surge qualquer sintoma, uma vez que ainda

não houve sensibilização. Mas em exposições seguintes, podem surgir sintomas no espaço de 4 a 24 horas. Pode haver exposição reiterada a determinadas substâncias durante anos sem que surjam sintomas e repentinamente desenvolver uma reação alérgica. Na maioria das vezes a reação surge na zona da pele que contactou com a substância, no entanto, pode surgir noutras zonas cutâneas. Este tipo de dermatite surge apenas em pessoas suscetíveis e uma vez sensibilizadas, a reação aparece mesmo após contacto com pequenas quantidades da substância. As substâncias que desencadeiam irritação ou alergia, estão presentes normalmente no nosso quotidiano, sendo os mais comuns:

Químicos: detergentes, substâncias como acetona, substâncias ácidas, inseticidas, tintas para o cabelo;

Produtos de higiene pessoal e cosméticos: sabonetes, gel e espuma de banho, hidratantes, produtos de ma-

quilhagem, perfumes, desodorizantes, protetores solares;

Metais: Níquel (presente nas fivelas de relógios ou cintos, botões das calças, bijuteria);

Plantas: Hera venenosa, ambrósia, prímula;

Medicamentos de aplicação na pele: alguns antibióticos, anti-histamínicos, anestésicos;

Látex e borracha;

Matérias de vestuário e calçado: tintas, impermeabilizantes;

Adesivos.

A principal forma de tratamento é a prevenção, sendo por isso necessário identificar e evitar a substância que causa irritação ou alergia. Existem testes (epicutâneos) que permitem identificar a substância a que se é alérgico.

Os principais cuidados passam por: lavar a área afetada com muita água e secar cuidadosamente; aplicar uma loção ou pomada para aliviar a comichão; proteger a pele afetada com uma compressa; evitar coçar, para evitar uma infeção, usar roupa larga e com tecidos suaves e usar luvas sempre que necessário.

Cristina Santos (Directora Técnica)

Largo General João de Almeida, 3
6300-695 GUARDA
Tel. 271 212 130



FARMÁCIA DA
MISERICÓRDIA



História

A Semana Santa na Misericórdia da Guarda

Desde há muitos séculos que a Santa Casa da Misericórdia da Guarda celebra empenhadamente a Páscoa, promovendo e participando em cerimónias religiosas, em particular a Semana Santa, das quais assumia a responsabilidade.

As cerimónias tinham custos, por vezes elevados, daí que a regularidade e a grandiosidade com que eram feitas dependia da situação financeira da Santa Casa. Em meados do séc. XVIII era o Provedor que assumia a “despesa dos Passos e a festa de Santa Isabel à sua custa”. Mas, no início do séc. XX, quando a Mesa assumiu o compromisso da construção do novo hospital todos os recursos foram canalizados para esse fim, e, por isso, mesmo com a revolta da população a procissão dos Passos não se realizou. Mas, outros factores havia, como a situação político social do país ou da própria instituição. Foi por esta razão que em 1886, como não havia Mesa eleita pelos irmãos mas uma Mesa Administrativa nomeada pelo governador civil, não se realizou a procissão dos Passos.

OUTROS TEMPOS...

Noutros tempos, a vida das pessoas mudava radicalmente a partir de Quinta-Feira Santa. Ao meio dia tocava o sino, e mal se ouvia a primeira balada parava-se, por completo, de trabalhar. Com excepção de trabalhos fundamentais, como fosse a alimentação dos animais, nada mais

se fazia até sábado, à mesma hora, quando, numa explosão de alegria, os sinos voltavam a tocar, muitas vezes até rachar.

A iconografia e a imaginária das próprias igrejas da misericórdia estão maioritariamente ligadas à iconografia da Paixão. Também as imagens que encontramos na igreja da Misericórdia da Guarda, o Senhor dos Passos, o Cristo na Cruz, o “Ecce Homo”, ou Senhor da Cana Verde, a Senhora das Dores e a Senhora da Piedade, são disso um retrato.

Nesses dias a igreja da Misericórdia era decorada a preceito, mas também com recato, para esse momento tão especial.

AS CERIMÓNIAS DA SEMANA SANTA EM 1888

A anteceder as cerimónias da Semana Santa havia na Misericórdia a festa de Nossa Senhora das Dores, promovida por uma comissão de senhoras da cidade. Em 1888 as cerimónias, celebradas pelos capelães da Santa Casa, foram acompanhadas a orquestra, dirigida pelo Sr. Queiroz, mestre da banda regimental aquartelada na Guarda.

Na cidade da Guarda as solenidades repartiam-se entre a Sé e a igreja da Misericórdia.

Na Sé, as cerimónias começaram no domingo com a bênção e procissão de Ramos; quarta-feira houve ofício de trevas; quinta-feira Santa, de manhã, houve pontifical, e o prelado,



D. Tomaz Gomes de Almeida, acolitado por muitos presbíteros, diáconos e sub-diáconos, procedeu à bênção dos santos óleos; de tarde, houve lava-pés, sermão do Mandato, e ofício de trevas, e acompanhado de todos os seminaristas, visitou as igrejas da cidade. Contam os cronistas: causou surpresa a “pobreza com que na Sé se fizeram todos os actos preparativos da paixão do Redentor. Nem ornamentação, nem canto, nem paramentos em termos. Nada que conduzisse com a majestade dos diversos actos de culto. De quem é a culpa? Não sabemos.” Afirmavam eles.

Pelo contrário, dizia-se, o templo da Misericórdia estava maravilhosamente ornamentado.

Na Misericórdia houve serões todos os domingos de Quaresma, sendo orador Manuel Esteves Fazenda, prior de S. Vicente. Era tão afamado que atraía verdadeiras multidões, e obrigavam, para manter a ordem, a uma presença policial considerável. Mais tarde foi indigitado cónego da Sé do Funchal.

A procissão Passos, que tinha sido adiada devido ao mau tempo, acabou por sair no domingo seguinte da Misericórdia pelas 3 horas da tarde.

O desfile era aberto pelos irmãos

da Mesa, Francisco Pereira, Bernardo Joaquim Lopes, António Joaquim da Silva, João Ignácio Batista Gomes e o secretário Alfredo de Andrade, todos com as suas varas, tochas, caixas de esmolas, respeitando lugares, hierarquias e precedências. O lugar mais importante era ocupado pelo Provedor, José Jaime de Magalhães Júnior, que desfilava com a sua vara atrás do palio.

Sexta-feira à noite realizou-se a procissão do Enterro. Foi imponente este acto. Muitas luzes, muitos irmãos, muito povo, talvez mais de 6.000 pessoas; o Regimento de Infantaria 12, comandado pelo coronel Satúrio Pires, em grande uniforme, e muito clero deram a esta manifestação de culto uma majestade encantadora, que encheu de felicidade os fiéis que abarrotavam a igreja da Misericórdia, o largo



e ruas do cortejo.

Acabada a procissão, houve o sermão da Soledade pregado pelo eloquente prior de S. Vicente. A reputação do orador atraiu à Misericórdia um concurso poucas vezes visto. “Nunca vimos numa igreja tanta gen-

te. O discurso foi admirável. Pena foi que o mau estar resultante de tanta gente obstasse a que fosse apreciado em todas as suas partes”, afirmava um crente.

Francisco Manso (Irmão)

Nacional

13º Congresso das Misericórdias

“Missão, Rigor e Compromisso”, foi o tema escolhido para o desenrolar do 13º Congresso Nacional das Misericórdias que este ano decorreu em Albufeira no mês de Fevereiro. Organizado pela UMP (União das Misericórdias Portuguesas), o Congresso procurou refletir sobre o panorama e os desafios políticos, sociais e gestionários do País, pretendendo também definir as principais linhas de orientação nas quais se poderá basear a estratégia de intervenção das Misericórdias nas diversas áreas de atuação.

O 13º Congresso Nacional das Misericórdias reuniu mais de 700 participantes e representantes de Misericórdias de todo o País. A sessão de abertura foi presidida pelo ministro do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, que proferiu uma Oração de Sapiência sobre “O papel do setor social no desenvolvimento das políticas sociais no Estado Português”. Recordamos nesta Revista, parte do discurso de Manuel de Lemos Presidente da UMP na abertura dos trabalhos do Congresso.

(...) As Misericórdias Portuguesas, como os outros parceiros do setor solidário, debatem-se hoje com dois problemas maiores:

- O problema do envelhecimento

da população;

- O problema da sustentabilidade.

(...) Relativamente ao envelhecimento, são conhecidos os números

e, por isso, não vou perder tempo com eles. Apenas salientar que este aumento, continuado e permanente, arrasta consigo mais e maiores fragilidades das pessoas, mais doen-

ças crónicas, novas patologias, que as demências, em particular, são um exemplo com consequências sociais incalculáveis.

Só que esta realidade veio mudar o perfil dos nossos idosos e, com isso, o perfil das nossas respostas sociais, com tudo o que isso representa em termos de capacidade de resposta e, em termos de prestação de cuidados (mais recursos humanos e, sobretudo, recursos humanos tecnicamente mais qualificados, instalações mais adaptadas, mais e mais caros medicamentos, etc.). Os nossos lares parecem, cada vez mais, unidades de cuidados continuados, da mesma forma que todos os dias se esbate, cada vez mais e mais depressa, a fronteira entre a Segurança Social e a Saúde.

Tendo presente esta realidade, não me parece possível manter um olhar tradicional sobre os sistemas de saúde. E, como li num jornal há algum tempo, “tudo mudou à nossa volta, menos a nossa maneira de pensar”.

Os cidadãos, os eleitores, é que já perceberam isso. Acredito que o Governo e o partido que o sustenta não permita que, o mais que necessário reforço do setor público do SNS (que ninguém no setor social contesta), se faça em detrimento da atividade das instituições da economia social, cuja competência, em termos técnicos e de proximidade, é reconhecida por todos, desde a ERS aos cidadãos.

Mas, regressando às questões do envelhecimento, temos a firme convicção de que é, em sede de apoio domiciliário, que o futuro da prestação de cuidados aos idosos há-de ser centrada, nomeadamente, visto o que as novas tecnologias estão já a poder proporcionar aos cidadãos;

naturalmente, sem prejuízo das respostas tradicionais, que não hão-de ser dispensáveis nos anos mais próximos.

Pelo contrário, olhando para o envelhecimento como um processo, verificamos um período cada vez maior de fragilidade e de extrema dependência e é óbvio que vamos continuar a necessitar de respostas de qualidade que implicam a institucionalização dos utentes. E, por isso, o esforço que estamos a fazer no sentido da qualificação das respostas relativas ao envelhecimento com investimentos em equipamentos e inovação.

Neste contexto, solicitamos o apoio do Estado para uma garantia bancária, no âmbito de uma candidatura, primeiro ao Plano Junckers, e depois, por sugestão do Ministro Pedro Marques, diretamente ao BEI. E essa garantia está em marcha, no âmbito do IFD, por intervenção de V. Exa., junto dos seus colegas das finanças, que, mais uma vez, agradeço.

A outra questão é a da sustentabilidade.

Referi atrás que o setor social assinou com o Estado o Pacto de Cooperação para a Solidariedade, vai para 22 anos. Nessa altura, era suposto que o valor da participação se devia situar na faixa dos 50% do custo final da resposta (um pouco mais para a deficiência).

Confesso que não sei se algum dia essa percentagem foi alcançada, mas a verdade é que, nos últimos anos, se tem degradado com muita rapidez, nomeadamente vista a já referida mudança de perfil dos idosos, os aumentos (mais do que justos, saliente-se) do salário mínimo, e as sucessivas exigências e preocupa-

ções em sede de qualidade.

A verdade é que a comparticipação pública, acrescida dos recursos dos próprios e das suas famílias há muito que entrou no sinal vermelho como, ainda há dias, um estudo da Universidade Católica, promovido pela CNIS e apresentado com a chancela do Banco de Portugal, deu pública nota. E nos cuidados continuados a situação é também altamente preocupante. É, pois, urgente iniciar um processo de recuperação dessa comparticipação para valores aceitáveis, sob pena de regressarmos aos salários em atraso, e ainda pior, a baixas sucessivas da qualidade, de que justamente nos orgulhamos. Porque, Senhor Ministro, a sustentabilidade tem a ver evidentemente com o equilíbrio financeiro da instituição; mas esse equilíbrio tem que ter, por pressuposto qualidade na prestação, salários mais justos, equipamentos mais dignos, abertura ao investimento em inovação.

Senhor Ministro:

Senhores Provedores:

As Misericórdias Portuguesas sabem que são atores incontornáveis das políticas sociais em Portugal. Sabem que estão do lado dos portugueses, independentemente da sua crença, ideologia, estatuto social, raça ou rendimento. Sabem que estão com os portugueses há 520 anos, mas que diariamente afirmam a sua modernidade e visão do futuro. Sabem que são geradoras de emprego sustentável, agentes de desenvolvimento, promotoras da inclusão e da coesão social. Por isso, entenderam consagrar este congresso ao rigor, ao compromisso e à missão. Rigor na gestão, porque sabemos que os recursos são escassos e que não é

solução deitar dinheiro em cima dos problemas.

Compromisso com as pessoas que apoiamos (quer com as que cuidamos, quer com as que damos emprego) com a cooperação com o

Estado na definição e execução das políticas públicas sociais e na utilização dos recursos públicos que, nos são confiados.

Missão, porque tudo o que fazemos se ancora nos valores que são

os nossos e de que nos orgulhamos, e na nossa responsabilidade para com as comunidades que livremente criaram as Misericórdias (...).

Conclusões do XIII Congresso Nacional das Misericórdias

O Congresso Nacional das Santas Casas que se realizou em Albufeira no mês de fevereiro, analisou, em profundidade, algumas das maiores preocupações que decorrem da perspectiva de evolução de sinais que alertam para tempos de novos e complexos desafios.

A evolução demográfica, a sustentabilidade financeira, as relações com o Estado, a fiscalidade da Economia Social e o desenvolvimento do território foram alguns dos temas que foram objeto de análise e discussão no Congresso, cujas conclusões são as seguintes:

1. As Misericórdias Portuguesas reafirmam mais uma vez a sua forte determinação de permanecer unidas à volta da sua União, que consideram peça fundamental e estruturante para a defesa dos seus valores e cumprimento da sua missão;

2. O Congresso registou de forma positiva a reafirmação do governo, através da palavra do Ministro do Trabalho, da Solidariedade e da Segurança Social dirigida ao Congresso, de que as Misericórdias têm uma natureza distinta do Setor Público e do Setor Privado e não

são concorrenciais com o Estado.

3. O Congresso reconhece que o Pacto de Cooperação para a Solidariedade primeiro e depois a Lei de Bases da Economia Social votada por unanimidade na Assembleia da República têm sido instrumentos adequados para o favorecimento de um diálogo estruturado e para a melhor definição e execução das políticas sociais do País, mas considera que a perspectiva da evolução da sociedade portuguesa recomenda o cumprimento estrito desses documentos legais, nomeadamente nos aspetos relacionados com a sustentabilidade financeira e da degradação, que se vem registando, das participações financeiras do Estado para as diferentes respostas sociais.

4. As políticas sociais exigem, cada vez mais, a proximidade aos problemas. As Santas Casas, porque estão espalhadas por todo o território afirmam a disponibilidade para assumirem, nesta época de modernidade tecnológica e de economia digital, o papel de verdadeiros agentes de Inovação Social.

5. Neste quadro, assume parti-

cular relevância, a necessidade de assegurar a estabilidade no tempo, dos Compromissos, Protocolos e Acordos celebrados, em nome da qualidade da prestação, dos empregos e dos investimentos associados.

6. Em matéria de envelhecimento, o Congresso chama a atenção ao Governo que o idoso não pode ser visto como o “cliente” da segurança social e como o “cliente” da Saúde. Pelo contrário, o idoso tem de ser o centro das políticas da saúde e da segurança social, pelo que o Congresso reclama no quadro do Cooperação uma muito maior articulação entre as políticas e as ações dos dois setores da administração pública.

7. O Congresso alerta o Governo para a necessidade de, sem colocar em causa a sua tutela sobre as Instituições, evitar a todo o custo a judicialização da cooperação, nomeadamente reconduzindo as visitas de Acompanhamento à sua função de auditoria e diálogo.

8. O Congresso tem vindo a tomar conhecimento de algumas declarações de responsáveis po-

líticos que são suscetíveis de criar perplexidade e preocupação relativamente ao papel das Santas Casas nalgumas componentes da ação social e da saúde, pelo que o Congresso saúda, de forma muito positiva, as posições claras do Presidente da República que, sobre o tema, tem sido frontal e direto: o

papel das Santas Casas na atual situação do País é insubstituível.

Mais deliberou o Congresso, por unanimidade e aclamação, cometer ao Secretariado Nacional da UMP (União das Misericórdias Portuguesas) o encargo de entregar em mão a Sua Excelência

o Senhor Presidente da República e ao Senhor Primeiro- Ministro, à CPES (Confederação Portuguesa da Economia Social) e aos parceiros do sector solidário as presentes conclusões.

Fonte: UMP (União das Misericórdias Portuguesas)



COVIPNEUS

Fundão, Guarda e Castelo Branco

...Sempre Junto a si...

Creche e Jardim de Infância

Desfile de Carnaval na Cidade



A Capelania da Misericórdia

P. Manuel Pereira de Matos

A Maquilhagem Espiritual

Estavam em marcha os últimos preparativos para o Carnaval. Uma estação da TV apresentava, em colorida reportagem, as figuras de explosiva animação dos miúdos que iam participar na festa carnavalesca. Imaginativas caracterizações iriam disputar os melhores elogios do público, recorrendo ao que a repórter ali classificava de “maquilhagem corporal”.

Nada mais lógico, nas euforias do Carnaval! Eu, porém, diante daquela animada reportagem, não deixei de reagir espontaneamente à referida expressão linguística – “maquilhagem corporal”. Não é verdade que aquele adjectivo – “corporal” - não passava ali de uma redundância? Explico-me. Se é uma maquilhagem, já se sabe que tem de ser corporal. Mas logo pensei: não poderá também haver uma “maquilhagem espiritual”?

E logo me fugiu o pensamento para uma elementar reflexão sobre a Quaresma, pois ela estava quase a chegar. Com ela, repetem-se efetivamente os convites da linguagem litúrgica à mudança, sob o tópico da “conversão”. É verdade que tudo aponta para a austeridade, desde as leituras bíblicas dos profetas, até aos símbolos quaresmais das cinzas, dos paramentos roxos, dos altares despidos de flores. E mais ainda, os anúncios dos dias de jejum e de abstinência.

Não obstante, para além de um certo efeito religioso que caracteriza todos esses elementos de índole quaresmal (e que poderíamos apodar de efeito sazonal), interrogamo-nos sobre as consequências existenciais que, na prática da vida quotidiana, daí

resultam. Queremos, de facto, uma conversão interior sincera, ou, ao invés, contentamo-nos com a aludida maquilhagem espiritual, destinada a não durar mais do que a outra, a maquilhagem corporal dos folguedos carnavalescos? Custa muito, é verdade, travar com êxito a peleja interior que diariamente nos é proposta pela mensagem evangélica, especialmente clara e exigente nesta quarentena de preparação para o Mistério Pascal. Mais ainda quando sabemos



que Jesus nos propõe uma luta contra nós próprios, no “negue-se a si mesmo” ou em seguir pelo “caminho estreito”, levando a sério renúncias e sacrifícios a que a cultura dominante é tão avessa e que os místicos designam como “a espessura da cruz”!

Órgãos Sociais SCMG Quadriénio 2019/2022

Mesa da Assembleia Geral

João Inácio Monteiro (Irmão n.º 564) – Presidente; Juiz Desembargador
 Joaquim Belo Rafael (Irmão n.º 23); Empresário
 António Manuel Soares Bellegarde Machado (Irmão n.º 705); Conservador Registo Predial
 Rita Maria Leitão da Cunha Vilar (Irmã n.º 870); Médica Dentista
 Manuel Alberto Pereira de Matos (Irmão n.º 589); Vigário Geral
 Alina Castanheira Marques Borges Soeiro (Irmã n.º 848); Advogada

Mesa Administrativa

Jorge Manuel Monteiro da Fonseca (Irmão n.º 396) - Provedor; Advogado
 Vítor Manuel Monteiro Cunha Lavajo (Irmão n.º 655) - Vice-Provedor; Advogado
 Amílcar de Jesus Amaral (Irmão n.º 671) - Tesoureiro; Técnico de Pecuária
 Álvaro José Trindade Pereira Guerreiro (Irmão n.º 663) - Secretário; Advogado
 Henrique José Batista Pissarra Monteiro (Irmão n.º 378) - Vogal Efetivo; Professor
 Marisa Santiago dos Santos (Irmã n.º 722) - Vogal Efetivo; Bancária
 João Bernardo Rebelo Marques (Irmão n.º 941) - Vogal Efetivo; Enfermeiro Supervisor
 Paulo Alexandre Ribeiro Alves (Irmão n.º 819) - Vogal Suplente; Fisioterapeuta
 Maria João Neves Reis Carvalho (Irmã n.º 830) - Vogal Suplente; Enfermeira
 Maria Helena Pilão Ferreira (Irmã n.º 773) - Vogal Suplente; Funcionária Pública aposentada

Conselho Fiscal

Orlando Manuel Jorge Gonçalves (Irmão n.º 815) - Presidente; Juiz Desembargador
 António Alexandre Martins da Costa (Irmão n.º 546); Técnico Oficial de Contas
 António Júlio Gonçalves dos Santos (Irmão n.º 814); Técnico Oficial de Contas
 José Carlos Travassos Relva (Irmão n.º 668); Notário
 Ana Cristina Gomes Vieira (Irmã n.º 936); Engenheira Química
 Ricardo Manuel Oliveira Gil Malcatanho (Irmão n.º 698); Bancário



APOIO AO ESTUDO COM PROFESSOR DO 1º CICLO



PARA MAIS
INFORMAÇÕES,
CONTACTE-NOS



INSCRIÇÕES
ABERTAS

informações e inscrições:
Secretaria da Santa Casa

Rua Francisco dos Prazeres, 7 · Tel. 271 232 300